

# DECOLONIALIDADE NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: UMA NOVA HISTÓRIA A SER CONTADA

DECOLONIALITY IN CHILDREN'S LITERATURE: A NEW STORY TO BE TOLD

**Lucilene Rezende Alcanfor**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
lucilenealcanfor@unilab.edu.br

**Claudia Panizzolo**

Universidade Federal de São Paulo  
claudiapanizzolo@uol.com.br

## RESUMO

O artigo apresenta, a partir do mapeamento e catalogação de livros de literatura infantil e juvenil, o crescimento de temas relacionados às culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas na recente produção editorial brasileira, impulsionado pela Lei nº 10.639/03. Adota, como referencial teórico, conceitos de Roger Chartier (1990, 2014) para analisar essa produção como objeto fabricado, prestando atenção à sua materialidade, bem como dialoga com o pensamento decolonial (SANTOS, 2022), numa perspectiva crítica à produção etnocêntrica de conhecimento. Concluímos que essa literatura insurgente revela um potencial de opções pedagógicas decoloniais, o que nos leva a repensar a história, os currículos e as práticas enraizadas em matrizes de pensamento euro-ocidental, em busca da superação do racismo epistêmico na cultura escolar.

**Palavras-chave:** Literatura infantil, Lei nº 10.639/03, Mercado editorial, Materialidade do impresso, Decolonialidade.

## ABSTRACT

The article presents, based on the cataloging of children's literature books, the growth of themes related to African, Afro-Brazilian and indigenous cultures in recent Brazilian editorial production, driven by Law nº 10.639/03. It adopts, as a theoretical reference, concepts from Roger Chartier (1990, 2014) to analyze this production as a manufactured object, paying attention to its materiality, as well as dialoging with decolonial thinking (SANTOS, 2022), from a critical perspective to the ethnocentric production of knowledge. We conclude that this insurgent literature reveals a potential for decolonial pedagogical options, which leads us to rethink history, curricula and practices rooted in Euro-Western thought matrices, in search of overcoming epistemic racism in school culture.

**Keywords:** Children's literature, Law nº 10,639/03, Publishing market, Materiality of the printed, Decoloniality.

## Considerações Iniciais

Este artigo parte de uma pesquisa mais ampla e tem como objetivo apresentar, a partir da catalogação de livros de literatura infantil e juvenil, o crescimento de temas relacionados às culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas na recente produção editorial brasileira. Trata-se de edições voltadas para as inovações curriculares e epistêmicas emergentes do contexto da Lei nº 10.639/03 (BRASIL, 2003), promovendo mudanças que determinaram o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira na educação básica. As alterações curriculares promovidas pela Lei viabilizaram o debate e a luta política pela descolonização da cultura escolar, desafiando educadores no seu trabalho pedagógico, buscando a superação do racismo epistêmico no currículo e no cotidiano educacional (MUNANGA, 2005; SILVA, 2010; GOMES, 2012). Ciente dessa situação, o Conselho Nacional de Educação (CNE), por meio do Parecer 3/2004 (BRASIL, 2004, p. 18), fez a seguinte manifestação em relação à execução da Lei nº 10.639/03: “precisa, o Brasil, país multiétnico e pluricultural, de organizações escolares em que todos se vejam incluídos, em que a cada um seja garantido o direito de aprender e de ampliar conhecimentos”, sem ser forçado a negar suas origens étnico-raciais, tampouco “a adotar costumes, ideias e comportamentos que lhe sejam adversos”. As mudanças na legislação fizeram emergir aspectos complexos e centrais da elaboração da nacionalidade e da identidade brasileira, evidenciando como as heranças do nosso passado colonial e escravista deixaram suas marcas (SCHWARCZ, 1993; GUIMARÃES, 2021).

Para Mwalimu Shujaa e Petronilha Silva (*apud* SILVA, 2010, p. 45), “estudar História e Cultura Afro-Brasileira e Africana é também um gesto político, questionador de paradigmas eurocêntricos que costumeiramente marginalizam, desqualificam, negam as contribuições dos africanos para a humanidade”. Trata-se de uma postura crítica e pedagógica que “exige dos professores e estudantes, negros e não negros, aprender a identificar, criticar, desconstruir distorções, omissões, avaliações baseadas em preconceitos, construir novas significações”.

Por conseguinte, a Lei complementar nº 11.645/08 (BRASIL, 2003), que alterou a Lei nº 10.639/03, estabeleceu as diretrizes e bases da educação nacional, fazendo incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, impulsionando sobremaneira a temática no currículo escolar e a produção de literatura indígena, principalmente de intelectuais pertencentes a diversos grupos étnicos brasileiros. Esse movimento literário fez emergir vozes, enunciadas desde a colonização, mas inseridas na sociedade de modo periférico por não adentrarem o sistema de produção de conhecimento ocidental (DALCASTAGNÉ *apud* DORRICO, 2018).

Na pesquisa, adotamos como referencial teórico conceitos da História Cultural de Roger Chartier (2014, 2020) para fundamentar nossa metodologia. Nessa direção, é importante sublinhar que, como pesquisa documental, mapeamos 320 obras de literatura infantil e juvenil. Selecionamos aquelas publicadas entre 1982 e 2022, recorte temporal que se justifica considerando que, a partir dos anos 1980, começaram a emergir publicações que valorizam conhecimentos “outros”<sup>1</sup>, fruto da luta dos movimentos sociais, especialmente do Movimento Negro, e de políticas afirmativas que antecedem a implementação da lei nº 10.639/03, mas que dela também são resultantes. Optamos por estender o recorte temporal até 2022 pela iminência de se completarem 20 anos de promulgação da referida Lei.

---

1 Segundo Candau e Oliveira (2010, p. 23-24), “a perspectiva da diferença colonial requer um olhar sobre enfoques epistemológicos e sobre as subjetividades subalternizadas e excluídas. Supõe interesse por produções de conhecimento distintas da modernidade ocidental”. Ainda segundo os autores, “pensamento-outro provém do autor árabe-islâmico Abdelkebir Khatibi, que parte do princípio da possibilidade do pensamento a partir da decolonização, ou seja, a luta contra a não-existência, a existência dominada e a desumanização. É uma perspectiva semelhante à proposta pelo conceito de colonialidade do ser, uma categoria que serve como força para questionar a negação histórica da existência dos não-europeus, como os afrodescendentes e indígenas da América Latina”.

Os recursos digitais foram imprescindíveis para a consolidação deste estudo e os dados foram mapeados digitalmente em acervos das editoras brasileiras, plataformas de *e-commerce*, no acervo digital da Fundação Biblioteca Nacional, na Câmara Brasileira do Livro e sites da internet. Deste modo, para a catalogação, elaboramos os seguintes metadados: título, título alternativo (obras que tenham subtítulos), criador (autor), contribuidor (ilustrador), assunto (palavras-chave), resumo (sinopse), descrição (observação exemplo: prêmios), editora, edição, ano de publicação, tipo (virtual ou impresso), identificador (ISBN), fonte (site da pesquisa), idioma, nível de educação da audiência (infantil ou infantojuvenil), extensão (quantidade de páginas), citação bibliográfica e arquivo (endereço do link da capa). Na segunda etapa da pesquisa, dados e metadados foram hospedados em uma página *web* construída com o *software Omeka S*, que permite o armazenamento livre e aberto de conteúdos e coleções digitais. Por meio dessa plataforma, todos os dados estão disponibilizados para o público em geral, favorecendo buscas avançadas e sua reutilização<sup>2</sup>.

O estudo não esgota toda a produção do período compreendido, no entanto, no processo de seleção, fomos coletando informações, inicialmente em grandes editoras brasileiras, e registrando aspectos referentes à materialidade do impresso, categoria inscrita no território conceitual e historiográfico de Roger Chartier (2014). Nessa perspectiva analítica, tomamos o livro de leitura como objeto fabricado que passa por uma cadeia de intervenções até chegar à mão do leitor, já que “a materialidade do livro é inseparável da materialidade do texto”, ou seja, “as formas nas quais o texto se inscreve na página, conferindo à obra uma forma fixa” também são marcadas por mobilidade e instabilidade (CHARTIER, 2014, p. 11).

Outra perspectiva metodológica é apresentar a visibilidade epistêmica conclamada pelo pensamento decolonial<sup>3</sup>, conforme defende a linguista norte-americana Catherine Walsh (2013), sendo a supressão do “s” da palavra descolonial justificada pela necessidade de demarcar uma distinção quanto ao significado da expressão. Nas palavras da autora:

Con este juego lingüístico, intento poner en evidencia que no existe un estado nulo de la colonialidad, sino posturas, posicionamientos, horizontes y proyectos de resistir, transgredir, intervenir, in-surgir, crear e incidir. Lo decolonial denota, entonces, un camino de lucha continuo en el cual se puede identificar, visibilizar y alentar “lugares” de exterioridad y construcciones alter-(n)ativas (WALSH, 2013, p. 25).

2 O banco de dados intitulado *Decolonialidade na literatura infantil e juvenil* trata-se de um projeto de pesquisa coordenado pela professora Lucilene Rezende Alcanfor e pelo professor Jorge Garcia Basso, docentes do Instituto de Humanidades e Letras, desenvolvido no âmbito da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Campus dos Malês. O projeto foi aprovado pelo edital *PIBI C- 01/2023* e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) com duas bolsas de iniciação científica. As bolsistas Cecília Costa Moreira e Thais Jardim Novaes Sacramento realizaram com a orientadora a pesquisa e catalogação das obras literárias, contribuindo com o levantamento e sistematização dos dados. O trabalho de mapeamento se estendeu até 2024, transcendendo os dados apresentados neste artigo. A construção técnica da estrutura do banco de dados foi liderada por Eric Brasil, professor de História do Instituto de Humanidades e Letras da UNILAB, que utilizou o modelo DCMI (DublinCore Metadata Initiative) para garantir a organização e acessibilidade das informações. Priscila Valverde Silveira também integra a equipe técnica, colaborando na implementação da infraestrutura digital e suporte técnico. A partir dessa estrutura, foi criada uma página pesquisável no sistema *Omeka S*, que permite a visualização e pesquisa das obras catalogadas de forma eficiente. Além disso, o projeto conta com o suporte técnico e de infraestrutura do Mestrado em Humanidades Digitais da UFRRJ, que oferece o acesso ao servidor onde o *Omeka S* está hospedado, possibilitando que o banco de dados esteja disponível ao público em uma plataforma robusta e segura. Essa rede de parcerias multidisciplinares reforça o compromisso do projeto em promover a visibilidade epistêmica dos grupos étnicos presentes na literatura infantil e juvenil, proporcionando uma ferramenta valiosa tanto para a pesquisa acadêmica quanto para a educação básica. O banco de dados está disponível em: <https://omekas.im.ufrj.br/s/dlij/item>. Acesso em 27/10/2024.

3 Os estudos decoloniais emergiram na América Latina nos anos 1990, originando-se no Grupo de Pesquisa *Modernidade/Colonialidade*, de caráter heterogêneo e transdisciplinar, formado por intelectuais predominantemente da América Latina. Buscam construir um projeto epistemológico, ético e político a partir de uma crítica à modernidade ocidental em seus postulados históricos, sociológicos e filosóficos (OLIVEIRA, CANDAU, 2010; SANTOS, 2022). Boaventura de Sousa Santos (2022, p. 22) afirma que “o enfoque decolonial expõe as ordens hierárquicas de índoles racial, política e social que o colonialismo europeu moderno impôs na América Latina, além de analisar o legado vivo do colonialismo: uma articulação de estruturas de poder e saber, estabelecidas sobre a base de raça e gênero, que sobreviveram ao colonialismo histórico e foram integradas às ordens sociais de princípios do século XXI”.

O artigo está estruturado em três partes, excetuando as considerações iniciais: na primeira apresentamos uma breve discussão de como a literatura infantil contemporânea vem se orientando pela pluralidade de referências culturais; na segunda, conforme o objetivo central deste texto, apresentamos um panorama do mapeamento e catalogação realizado na pesquisa de livros de literatura infantil que abordam as temáticas selecionadas para o estudo, bem como os resultados alcançados em relação aos novos rumos do gênero no mercado editorial brasileiro; e, na última, tecemos algumas considerações sobre a decolonialidade presente nessa produção.

## 1 - Literatura infantil contemporânea: novos caminhos, novas abordagens

O *boom* dos estudos literários das obras destinadas à infância ganhou destaque como objeto de análise no final dos anos 1970, em meio à efervescência dos debates promovidos em congressos, encontros, seminários, simpósios, nacionais e internacionais, destacando a importância dessa literatura como formadora das mentes infantis e juvenis, assim como também pela criação de programas de incentivo à leitura, pela expansão do mercado editorial, entre outras ações (ARROYO, 1990; CARVALHO, 1987; CADEMARTORI, 1986, 2024; COELHO, 1991, 2000; LAJOLO, ZILBERMAN, 1986; SOARES, 1999). Além desse fenômeno, Cademartori (1986) alerta que não se pode absolutamente perder de vista que o livro infantil é antes de tudo um objeto de mercado:

Seus produtores são agentes que se inserem na dinâmica do mercado do sistema capitalista e tendem à produção do mais lucrativo. À medida que cresce o movimento educacional em torno do livro para criança, este, que é produzido para o mercado, e dele recebe cerceamentos ou incentivos, responde em proporção à demanda. (...) As preocupações pedagógicas coincidem com o descobrimento, pelo mercado, da criança como móvel do consumo. (...). O mercado, naturalmente, apresenta-se tão diversificado para esse produto como para os demais (CADEMARTORI, 1986, p. 17).

Tanto a escola como a literatura expressam e se beneficiam da noção de mudança, em contextos sociais que reproduzam valores que as representam. É o que começou a acontecer em nossa sociedade a partir do século XIX, de modo que as histórias dos gêneros literários para crianças articulam-se de maneira inseparável à história das transformações do modelo de estado nacional (LAJOLO, ZILBERMAN, 1986), tornando a escola, espaço privilegiado onde deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo, também espaço privilegiado para a leitura literária.

Para Cademartori (2024), a literatura infantil de hoje está com suas fronteiras franqueadas. Citando Ítalo Calvino, afirma que “a literatura se vem impregnando dessa antiga ambição de representar a multiplicidade das relações, em ato e potencialidade” (CADEMARTORI, 2024, p. 51). Para a pesquisadora, a literatura contemporânea se orienta pela pluralidade das referências culturais porque “vivemos tempo de fronteiras franqueadas, convivência de culturas diversas, ausência de centralidade” (p. 53).

Nessa mudança de foco reside a diferença fundamental entre a literatura infantil de hoje e aquela produzida nos anos 1970, período de expansão e consolidação do gênero. (...) Na literatura de hoje, no entanto, referências políticas, sociais, culturais ganham multiplicidade e voltam-se à afirmação da diferença e do lugar do outro. O texto literário combina elementos das culturas mais diversas e estabelece entre elas diálogos capazes de romper com a programação e o condicionamento, que por acaso ambos tenhamos, para perceber sempre o mesmo. Assim, um efeito possível das variadas formas de trocas simbólicas na cultura é a percepção pelo sujeito de que seu mundo não é o único, e que o outro – o diferente dele – não é objeto, mas é também

sujeito. Sendo assim, por distante que o outro esteja, não será apenas um objeto no foco de observação, mas um interlocutor em diálogo em que ambas as partes se dão a conhecer. De tal modo que, quando um recebe algo do outro, influenciam-se (CADEMARTORI, 2024, p. 53).

Portanto, uma forte vertente temática da literatura infantil contemporânea está voltada para o conhecimento de diferentes grupos sociais como sujeitos portadores de uma cultura, o que demonstra não ser a identidade algo fixo, mas instável, uma vez que não nascemos com ela, mas a construímos ao longo da vida (CADEMARTORI, 2024, p. 53).

Lajolo e Zilberman (2017), em seu trabalho mais recente *Literatura Infantil Brasileira: uma nova outra história*, afirmam que a literatura infantil do Brasil do século XXI tem procurado investir em modos originais e instigantes de expressão. Resiste ceder às pressões de seus financiadores, sejam eles públicos ou privados, ao mesmo tempo em que busca formar um leitor inteligente, capaz de interagir com obras criativas e inovadoras. As autoras afirmam que essa nova literatura apresenta um amplo leque de temas e assuntos, articulados a movimentos sociais e incentivados por distintos discursos institucionais, políticos e estéticos que marcam a produção brasileira contemporânea para crianças e jovens.

Outros estudos no campo da teoria literária, voltados para o tema das relações étnico-raciais, apresentam importantes perspectivas analíticas, destacando aspectos relacionados à discriminação racial e ao combate ao racismo, bem como à representação do personagem afrodescendente na recente produção (SOUSA, 2001; OLIVEIRA, 2003, 2010; 2014; FRANÇA, 2006; JESUS, 2019). Maria Teresa Garzón (2021), ao discutir em seu artigo a representação da infância e branquitude na literatura, afirma que os livros não são apenas livros e, apesar das teorias que defendem a arte pela arte, a literatura cumpre uma função política, ou seja, é um dispositivo legal do poder colonial.

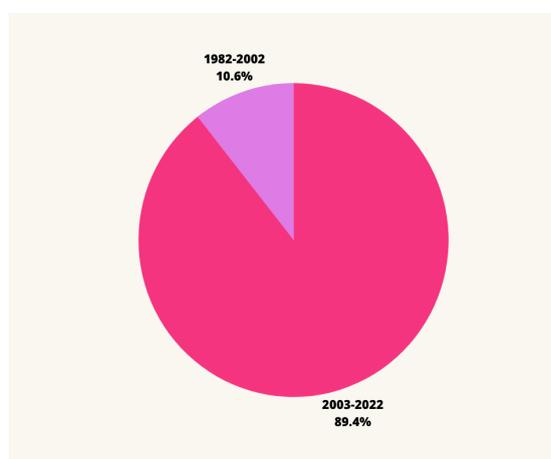
Eliane Debus (2007) também tem investido na análise da produção de literatura infantil impulsionada pela Lei nº 10.639/03. Na pesquisa realizada em 2006 *A representação do negro na literatura brasileira para crianças e jovens: negação ou construção de uma identidade?*, a autora buscou mapear os títulos de algumas editoras (instaladas há mais de 10 anos no mercado editorial) que oportunizavam a discussão e/ou traziam personagens negras em seus catálogos. Ao realizar o levantamento quantitativo de 1.785 títulos, constatou que apenas 79 deles apresentavam personagens negras. Em 2008, ao retomar os catálogos, foram encontrados 2.416 títulos, dos quais 171 apresentavam a temática da cultura africana e afro-brasileira (DEBUS, 2010). A autora afirma que esse crescimento não é decorrente apenas da expansão mercadológica de um segmento literário, mas também é resultante de discursos de *etnicidades marginalizadas*, seguindo a definição de Stuart Hall (2013). Para esse intelectual afro-diaspórico, embora a marginalidade desses novos grupos culturais permaneça periférica, nunca houve uma situação tão profícua como está havendo agora dentro dos espaços dominantes, resultado das lutas e das políticas culturais voltadas à erradicação da diferença, da produção de novas identidades e da emergência de novos sujeitos no cenário político e cultural (HALL, 2013).

## 2- Literatura infantil: novos rumos no mercado editorial brasileiro

A nova literatura infantil que apresentamos neste artigo faz parte de uma recente produção do mercado editorial brasileiro que promoveu, a partir dos anos 1980, uma guinada epistemológica nas temáticas abordadas, fruto da luta política dos movimentos sociais, pesquisadores, escritores e intelectuais, que historicamente têm reivindicado a visibilidade epistêmica de povos e culturas que sempre estiveram à margem da história, entendidas como manifestações folclóricas e exóticas de povos sem história.

Dividimos a catalogação das 320 obras que abordam as temáticas escolhidas para o estudo em dois grandes períodos: o primeiro vai de 1982 a 2002, considerando que a produção editorial do início dos anos 1980 começou a despontar com base num discurso da pluralidade cultural e da miscigenação. De acordo com o levantamento, a esse período correspondem 10,6% dos livros mapeados. O segundo período, de 2003 a 2022, se refere às obras publicadas a partir da promulgação da Lei nº 10.639/03. A obrigatoriedade de inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira no currículo da Educação Básica e, posteriormente, da Cultura Indígena, foi uma decisão política com fortes repercussões pedagógicas, inclusive na formação de professores, promovendo uma política de estado de incentivo à leitura e distribuição de livros nas escolas, como o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Esse segundo período representa 89,4% dos livros catalogados, conforme se visualiza na figura 1.

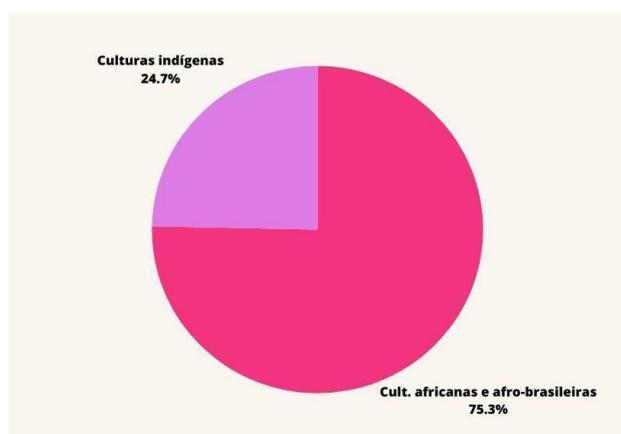
Figura 1: Produção de 1982 a 2022



Fonte: Gráfico elaborado pelos autores

Outro dado da pesquisa tem a ver com os grupos temáticos e categorias de subgrupos encontrados. Desse conjunto, elegemos dois grandes grupos: Culturas africanas e afro-brasileiras; e Culturas Indígenas. Do conjunto pesquisado, 75,3% correspondem aos temas relacionados às culturas africanas e afro-brasileiras, o que representa 241 obras catalogadas. Já os 24,7%, que dizem respeito a 79 obras catalogadas, são temas relacionados às culturas indígenas, conforme visualizamos na figura 2.

Figura 2: Grupos temáticos



Fonte: Gráfico elaborado pelos autores

Em relação à catalogação dos grupos temáticos relacionados às culturas africanas e afro-brasileira, apresentamos alguns subgrupos que poderiam ser interpretados da seguinte forma: relações étnico-raciais, literatura negro-afetiva, biografia e memória, culturas e mitologias africanas, culturas e mitologias afro-brasileiras. É importante salientar que a divisão em grupos temáticos não significa que as obras não possuem mais de uma dimensão, perpassando outros temas correlatos como, por exemplo, uma obra estar dentro do grupo temático relações étnico-raciais e também contemplar culturas e mitologias africanas e/ou afro-brasileiras. Portanto, o critério de classificação se deu em decorrência da temática predominante no texto.

As obras que correspondem ao primeiro período da produção, dos anos 1980, surgem timidamente como uma produção que começava a dar visibilidade e positivar culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas, também como forma de denúncia ao racismo, no entanto, perpassadas por um discurso da diversidade cultural brasileira, da miscigenação e da construção de uma identidade nacional, conclamada como de um povo amistoso e cordial. Entre as obras de grande circulação que marcaram a produção desse período estão:

*O menino Poti; Pena de pato e de tico-tico; Uma gota mágica; Uma arara e sete papagaios; Troca-troca; Com prazer e alegria; Um dragão no piquenique; Menina bonita do laço de fita; Severino faz chover, de Ana Maria Machado. O menino marrom; O segredo de Mãe Docelina; Os meninos morenos, de Ziraldo. Nó na garganta, de Mirna Pinsky; A cor da ternura, de Geni Guimarães. O amigo do rei, de Ruth Rocha.*

Oliveira (2003), ao apresentar uma análise crítica das obras *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado, e *O menino marrom*, de Ziraldo, afirma que essas obras romperam, em muito, com a tendência de inferiorização do negro na sociedade, no entanto, apesar de proporem a desconstrução do estereótipo negativo do negro, o que já era um grande avanço para a época, o que de fato ressaltam é a diversidade racial sugerida pelas nuances de cores para dar margem ao ideário da mestiçagem, colaborando para reforçar o mito da democracia racial.

Importante destacar que, nos anos 1990, o Ministério da Educação e do Desporto (MEC) publicou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1997, 1998). Os PCNs propunham a construção de uma base comum nacional para o ensino fundamental brasileiro e ser uma orientação para que as escolas formassem seus currículos, levando em conta suas próprias realidades e tendo como objetivo do ensino de 1ª a 8ª série a formação para uma cidadania democrática. O tema *Pluralidade Cultural*, de acordo com os referidos documentos, afirma a diversidade como traço fundamental na construção de uma identidade nacional que se põe e repõe permanentemente, pressupondo o respeito às diferenças étnicas e culturais e sua valorização, uma vez que o Brasil possui uma singularidade múltipla, multifacetada, de uma relação também (ainda que não só) amistosa e calorosa com o mundo e aberta para ele.

Já os títulos que tematizam as relações étnico-raciais, e correspondem sobremaneira à produção a partir dos anos 1990, contemplam as publicações voltadas para a questão do *corpo* negro (ANTONACCI, 2014), dos traços fenotípicos, da identidade, atravessados por temas como racismo e preconceito. Sabemos que o número de obras publicadas sobre esse tema pode ser bem maior do que o que temos catalogado, considerando que, em nosso país, a discussão racial é particularmente sensível à questão da *cor da pele* (SCHWARCZ, 2012), o que acaba levando, na literatura para crianças e jovens, a um interesse maior em discutir sobre o assunto. De todo modo, sobre essa temática, foi possível mapear as seguintes obras:

*Histórias da Preta*, de **Heloísa Pires Lima**. *O irmão que veio de longe*, de **Moacyr Scliar**. *Palmas e vaias*; *Origens*, de **Sonia Rosa**. *Luanda, filha de Iansã*; *Tenka, preta pretinha*; *Uana e marrom de terra*; *Papi, o construtor de pipas*; *Manu da noite enluarada*, de **Lia Zats**. *Na rota dos tubarões: o tráfico negreiro e outras viagens*, de **Joel Rufino dos Santos**. *Neguinho aí*; *Neguinho do rio*; *Neguinho brasileiro*, de **Luís Pimentel**. *Em Angola tem? No Brasil também!*, de **Rogério de Andrade Barbosa**. *Pedro Noite*, de **Caio Riter**. *O cabelo de Lelê*, de **Valéria Belém**. *O garoto da camisa vermelha*; *Da janela da minha casa*; *Grande circo favela*; *Morro dos ventos*, de **Otávio Júnior**. *O cabelo de Cora*, de **Ana Zarco Câmara**. *Na cor da pele*; *Felicidade não tem cor*; *Crianças na escuridão*; *Estrelas*, de **Júlio Emílio Braz**. *Olhe para mim*, de Ed Franck. *Cartas a povos distantes*, de **Fábio Monteiro**. *Letras de carvão*, de **Irene Vasco**. *O mundo no black power de Tayó*; *O black power de Akin*; *Tayó em quadrinhos*, de **Kiusam de Oliveira**. *O lápis cor da pele do menino marrom*, de **Ana Paula Marini**. *Meu crespo é de rainha*; *A pele que eu tenho*, de **bell hooks**. *Dois meninos de Kakuma*, de **Marie Ange Bordas**. *Amoras*; *E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas*, de **Emicida**. *Sinto o que sinto e a incrível história de Asta e Jaser*; *Edith e a velha sentada*, de **Lázaro Ramos**. *Bucala: a princesa do quilombo Cabula*, de **Davi Nunes**. *Cartas para a minha mãe*, **Teresa Cárdenas**. *O pequeno príncipe preto*, de **Rodrigo França**. *Ei, você!*, de **Dapo Adeola**. *Óculos de cor, ver e não enxergar*, **Lília Moritz Schwarcz**. *Mesma nova história*, de **Everson Bertucci**.

Essa literatura se contrapõe àquela que historicamente foi cúmplice do racismo brasileiro, como vem sendo apontado, desde os anos 1980, por pesquisadores (ROSEMBERG, 1981, 1985; SILVA, 2001; LIMA, 2005; KNOP, 2010). Embora as figuras do negro e do indígena continuem pejorativamente marcadas no imaginário brasileiro e a literatura contemporânea ainda reflita, nas suas ausências, algumas das características centrais da sociedade brasileira, como no caso da população negra, apartadas dos espaços de poder e de produção de discurso (DALCASTAGNÊ, 2008), percebemos na recente produção infantil e juvenil um movimento inverso do padrão racista e uma pluralidade de discursos. Do silêncio e invisibilidade passamos a contar com uma literatura, ainda que muito recente, de denúncia e legitimação dessas culturas que sempre estiveram à margem da história (JESUS, 2019).

Por outro lado, temos, ainda, subgrupos com obras que tendem a valorizar o sujeito negro, mas que não têm a perspectiva de problematizar, por exemplo, situações de racismo. Essas obras poderiam se enquadrar naquelas que denominamos de uma literatura negroafetiva, em que o protagonismo negro é o principal foco e as crianças (geralmente é uma literatura para a primeira infância) sempre estão em situações do dia-a-dia, como brincar, ler, contar histórias, tomar banho etc. Para Octavio Ianni (1988, p. 54) o negro é o tema principal da literatura negra, que vê o sujeito afrodescendente não apenas no plano do indivíduo, mas como “universo humano, social, cultural e artístico de que se nutre essa literatura”. Esse fenômeno pode ser observado em demais obras que tematizam o protagonismo de sujeitos negros, sendo elas:

*O menino Nito...Então, homem chora ou não?*; *Abrços pra lá e pra cá*; *Lindara, a menina que transbordava palavras*; *Enquanto o almoço não fica pronto*; *Antônia quer brincar*; *Antônia quer dormir*; *Antônia quer passear*, de **Sonia Rosa**. *Caderno de rimas do João*; *Caderno de rimas da Maria*, de **Lázaro Ramos**. *Ops*, de **Marilda Castanha**. *Lulu adora a biblioteca*; *Lulu adora histórias*; *Lulu lê para o Zeca*, de **Anna McQuinn**. *Confusões de dona Ana e confusões de seu José*, de **Lidia Izcson**. *Janaína já sabe contar*, de **Geraldo Valério**. *Chapeuzinho e o leão faminto*, **Alex T. Smith**. *Solfejos de Fayola*; *Com qual penteado eu vou?*, de **Kiusam de Oliveira**. *Eu também*, de **Patrícia Auerbach**. *Papaco e Lilico, a floresta e o circo*, de **Adailton Medeiros**. *Geraldo e a fadinha do pum*, de **Júlio Emílio Braz**.

Um outro subgrupo aborda a biografia e memória de personagens e/ou intelectuais negros, geralmente numa perspectiva em que história e ficção se mesclam. Dentre essas obras, selecionamos:

*O rei preto de Ouro Preto*, de **Sylvia Orthof**. *Benjamin, o filho da felicidade*, de **Heloisa Pires Lima**. *Um quilombo no Leblon*, de **Luciana Sandroni**. *A cachoeira de Paulo Afonso*, de **André Diniz**. *Nelson Mandela: o prisioneiro mais famoso do mundo*, de **Seong Eun Gang**. *Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta*; *Zum Zum Zum-biiiii: história de Zumbi dos Palmares para crianças*; *O dragão do mar*, de **Sonia Rosa**. *Mandela: o africano de todas as cores*, de **Alain Serres**. *Obá Nijô: o rei que dança pela liberdade*, de **Narcimária do Patrocínio Luz**. *O menino Nelson Mandela*, de **Viviana Mazza**. *Palmares de Zumbi*; *Dandara e a falange feminina de Palmares*, de **Leonardo Chalub**. *Luiz Gama: a saga de um libertador*, de **Magui Pompéia**.

As obras que tematizam as culturas e mitologias africanas predominam na catalogação realizada em nosso estudo. Desse grupo, percebemos trabalhos de memória que representam linguagens e práticas culturais guardiãs de suas africanidades, presentes em culturas orais, nutridos por uma filosofia em provérbios, fábulas, mitos, contos e cantos (ANTONACCI, 2016). São narrativas voltadas para a cultura do continente africano, a saber:

*Agbalá, um continente lugar*, de **Marilda Castanha**. *Bichos da África: lendas e fábulas 1*; *Bichos da África: lendas e fábulas 2*; *Bichos da África: lendas e fábulas 3*; *Bichos da África: lendas e fábulas 4*; *Histórias africanas para contar e recontar*; *Contos africanos para crianças*; *Os gêmeos do tambor: reconto do povo Massai*; *Outros contos africanos para crianças brasileiras*; *ABC do continente africano*; *Uma ideia luminosa*; *Três contos africanos de adivinhação*; *Histórias que contaram em Luanda*; *O senhor dos pássaros*; *Jambo! uma manhã com os bichos da África*; *A tatuagem: reconto do povo Luo*; *Karingana wa Karingana: histórias que me contaram em Moçambique*; *Zanzibar, a ilha assombrada*; *O filho do vento*; *Naninquá: a moça bonita*; *Soyas de sun tataluga: histórias que me contaram em São Tomé e Príncipe*; *Danite e o leão: um conto das montanhas da Etiópia*; *O segredo das tranças e outras histórias africanas*; *A orelha vai à escola todos os dias*; *Kakopi, Kakopi: brincando e jogando com as crianças de vinte países africanos*; *Sona: contos africanos desenhados na areia*; *Nas garras dos balbuínos: um reconto da tradição oral do povo Zulu*, de **Rogério de Andrade Barbosa**. *Histórias da Preta*; *O espelho dourado*; *O comedor de nuvens*; *O rei que assobiava*, de **Heloisa Pires Lima**. *A semente que veio da África*, de **Heloisa Pires Lima**, **Georges Gneka** e **Mario Lemos**. *A mbira da beira do Rio Zambeze: canções do povo xona inspiram crianças brasileiras*, de **Heloisa Pires Lima**, **Décio Gioielli** e **Marie Ange Bordas**. *Lendas da África moderna*, de **Heloisa Pires Lima** e **Rosa Maria Tavares Andrade**. *O coração do baobá*, de **Heloisa Pires Lima** e **Laerte Silvino**. *Capulana, um pano estampado de histórias*, de **Heloisa Pires Lima** e **Mário Lemos**. *Toques de Griô*, de **Heloisa Pires Lima** e **Leila Leite Hernandez**; *Gosto de África: histórias de lá e daqui*, de **Joel Rufino dos Santos**. *Os sete romances*, de **Angela Shelf Medearis**. *Chuva de manga*; *Escola de chuva*. *O presente de aniversário do marajá*, de **James Rumford**. *As tranças de Bintou*, de **Sylviane Anna Diouf**. *Debaixo do arco-íris não passa ninguém*; *A caçada real*; *A vassoura do ar encantado*; *Dima, o passarinho que criou o mundo*; *Rio sem margem*, de **Zetho Cunha Gonçalves**. *Mãe África*; *Lebre que é lebre não mia*; *O casamento da princesa*; *Raio de sol, raio de lua*; *O açaça de cada um*; *A dona do fogo e da água*; *O homem da árvore na cabeça*; *Batu, o filho do rei*; *Kalinda, a princesa que perdeu os cabelos e outras histórias africanas*, de **Celso Sisto**. *Cinco fábulas da África*; *Lendas negras*; *Griot: histórias que ouvimos da África*; *Moçambique*, de **Júlio Emílio Braz**. *Os da minha rua*; *Avó dezanove e o segredo dos soviéticos*; *Ynari*; *a menina das cinco tranças*; *O voo do golfinho*; *A bicicleta que tinha bigodes*; *Uma escuridão bem bonita*; *Ombela*; *Os vivos, o morto e o peixe-frito*; *O convidador de pirilampus*; *A história do sol e do rinoceronte*, de **Ondjaki**. *Seis pequenos contos africanos sobre a criação do homem*, de **Raul Lody**. *Erinlé, o caçador e outros contos africanos*; *O papagaio que não gostava de mentiras*; *Lendas de Exu*, de **Adilson Martins**. *Crocô e Galinhola*; *Aminata, a tagarela*, de **Maté**. *Kofi e o menino de fogo*, de **Nei Lopes**; *Meus contos africanos*, **Nelson Mandela**. *Omo-Oba: histórias de princesas*, de **Kiusam de Oliveira**. *Obax*, de **André Neves**. *Lila e o segredo da chuva*, de **David Conway**. *Kaxinjengele e o poder: uma fábula angolana*, de **José Luandino Vieira**. *A ilha do crocodilo: contos e lendas do Timor-Leste*, de **Geraldo Costa**. *Exu e o mentiroso*; *O filho querido de Olokun*, de **Rogério Athayde**. *Aqaltune*

e as histórias da África, de **Ana Cristina Massa**. *Quibungo*, de **Marion Villas Boas**. *A jornada do pequeno senhor tartaruga*, de **Inge Bergh** e **Inge Misschaert**. *Esperando a chuva*, de **Véronique Vernet**. *A força da palmeira*, de **Anabella Lopez**. *Contos de Moçambique*, de **Luana Chnaiderman de Almeida**. *Mãe sereia*, de **Teresa Cárdenas**. *À sombra da mangueira*, de **Angelo Abu** e alunos do Hakunama. *O mar de Manu*, de **Cidinha da Silva**. *Dumazi e o grande leão amarelo*, de **Valanga Khoza**. *A carta de Moussa*, de **Roser Rimbau**. *Do arco e flecha ao berimbau*, de **Rui Rosa**. *Guardiã de memórias nunca esquecidas*, de **Otávio Júnior**. *Diário de Pilar na África*, de **Flávia Lins e Silva**. *Grande assim: Utshepo mde*, de **Mhlobo Jadezweni**.

O último subgrupo, culturas e mitologias afro-brasileiras, dialoga diretamente com todos os outros que o antecedem. Dentro desse grupo elegemos os seguintes títulos:

*Mata: contos do folclore brasileiro*, de **Heloísa Prieto**. *Bruna e a galinha d'Angola*, de **Gercilga de Almeida**. *Os príncipes do destino: histórias da mitologia afro-brasileira; Ifá, o Adivinho; Xangô, o Trovão; Oxumarê, o Arco-Íris; Contos e lendas afro-brasileiros: a criação do mundo; Aimó, uma viagem pelo mundo dos orixás*, de **Reginaldo Prandi**. *Aguemon; Eleguá; Yemanjá; ABC afro-brasileiro; Mestre gato e comadre onça: uma história da capoeira recontada; Awani; Ogum-Igbo; Igbo*, de **Carolina Cunha**. *A lenda do Timbó; Maracatu; O tabuleiro da baiana; Capoeira; Jongo; Feijoada; Os tesouros de Monifa; Dona Brígida; É o tambor de crioula; A bela adormecida do samba*, de **Sonia Rosa**. *Histórias mal-assombradas do tempo da escravidão*, de **Adriano Messias**. *Falando banto*, de **Eneida Duarte Gaspar**. *Berimbau mandou te chamar*, de **Bia Hetzel**. *As gueledés: a festa das máscaras; Kianda: a sereia de Angola que veio visitar o Brasil*, de **Raul Lody**. *Histórias da cazumbinha*, de **Meire Cazumbá** e **Marie Ange Bordas**. *O marimbondo do quilombo*, de **Heloisa Pires Lima**. *O fio d'água do quilombo: uma narrativa Zambeze no Amazonas*, de **Heloisa Pires Lima, Willivane Ferreira de Melo** e **Águida Maria A. de Vasconcelos**. *O mar que banha a ilha de Goré*, de **Kiusam de Oliveira**. *Os orixás sob o céu do Brasil*, de **Marion Villas Boas**. *Axé, cores do Brasil*, de **Rafael Nobre**. *Modupé, meu amigo*, de **Leonardo Carneiro**. *Clebyrho: o Babalorixá aprendiz*, de **Leandro Muller**. *Quilombando*, de **Laerte Silvino**. *Zumbi, assombra quem?*, de **Allan da Rosa**. *Meu avô é um tata; Sapatinho de Makota*, de **Janaina Figueiredo**. *Uma festa de cores: memórias de um tecido brasileiro*, de **Anna Göbel**. *Ogum: o inventor das ferramentas*, de **Luiz Antonio Simas**. *A professora da floresta e a grande serpente*, de **Irene Vasco**. *A África que eu falo*, de **Claudio Fragata**. *De passinho em passinho: um livro para dançar e sonhar*, de **Otávio Júnior**.

O segundo grande grupo temático da catalogação diz respeito aos títulos que correspondem às culturas e mitologias indígenas, sendo eles:

*O curumim que virou gigante*, de **Joel Rufino**. *Maria Sapeba*, de **Ana Maria Machado**. *Histórias de Índio; As serpentes que roubaram a noite e outros mitos; Meu avô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória; Kabá Darebu; Coisas de Índio: versão infantil; O segredo da chuva; As peripécias do jabuti; Histórias que eu ouvi e gosto de contar; Contos indígenas brasileiros; Sabedoria das águas; Caçadores de aventuras; Parece que foi ontem; Antologias de contos indígenas de ensinamento: tempo de histórias; A primeira estrela que vejo é a estrela do meu desejo: e outras histórias indígenas de amor; O homem que roubava horas; As palavras do grande chefe; Outras tantas histórias indígenas de origem das coisas e do universo; Todas as coisas são pequenas; A caveira rolante, a mulher lesma e outras histórias indígenas de assustar; Histórias que eu li e gosto de contar; Como surgiu: mitos indígenas brasileiros; Coisas de onça; O sinal do pajé; Um dia na aldeia: uma história Munduruku; Catando piolhos, contando histórias; Foi vovô que disse; Vozes ancestrais: dez contos indígenas; Memórias de Índio: uma quase autobiografia; O Karaíba: uma história do pré-Brasil; A onça; A origem dos filhos do estrondo do trovão: uma história do povo Tariana; O diário de Kaxi: um curumim descobre o Brasil*, de **Daniel Munduruku**. *As terras dos mil povos; As fabulosas fábulas de Iauaretê, Tupã Tenondé*, de **Kaka Werá Jecupé**. *Xereló Arandu: a morte de Kretã; Iarandu, o cão falante; Tekoa: conhecendo uma aldeia indígena; O presente*

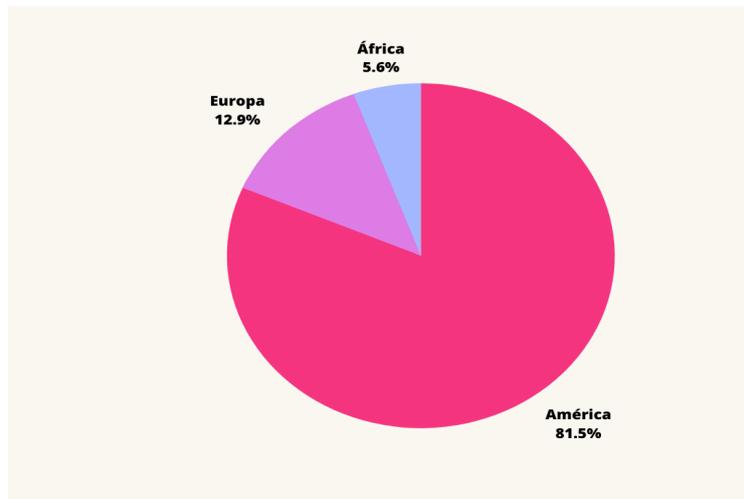
de Jaxy Jaterê, de **Olívio Jekupé**. *Kurumi Guaré no coração da Amazônia*; *Sehaypóri: o livro sagrado do povo Saterê-Mawé*; *As pegadas do Curupyra*; *Falando Tupi*; *Contos da floresta*; *Um curumim, uma canoa*; *Yaguarãboia: a mulher onça*; *A origem do beija-flor: guanãby muru-gãwa*; *Formigueiro de Myrakãwéra*; *Morõgetá Witã: oitos contos mágicos*; *Japii e Jakãmi: uma história de amizade*; *Puratig: o remo sagrado*; *Meu pai Ag'Wã: lembranças da casa do conselho*; *O povo das histórias de assombração*; *Guayarê: o menino da aldeia do rio*; *Pequenas guerreiras*; *Os olhos do jaguar*, de **Yaguarê Yamã**. *A invenção do mundo pelo deus-curumim*, de **Braulio Tavares**. *A criação do mundo e outras lendas da Amazônia*, de **Vera do Val**. *A onça e o fogo*; *A boca da noite*, de **Cristino Wapichana**. *Francisco Gabiroba Tabajara Tupã*; *Vozes da floresta: lendas indígenas*, de **Celso Sisto**. *A árvore de Tamorumu*, de **Ana Luísa Lacombe**. *Histórias do Xingu*, de **Orlando Villas Bôas** e **Cláudio Villas Bôas**. *Vó coruja*, de **Daniel Munduruku** e **Heloísa Prieto**. *Irakisu: o menino criador*, de **Renê Kithãulu**. *O tupi que você fala*, de **Claudio Fragata**. *Menina japinim*, de **Ana Miranda**. *Wahtirã: a lagoa dos mortos*, de **Daniel Munduruku** e **Jaime Diakara**. *Poeminhas da terra*, de Márcia Leite. *Cantos da floresta: iniciação ao universo musical indígena*, de **Berenice Almeida** e **Magda Pucci**. *Poemas da minha terra*, de **Maté**. *Nós: uma antologia de literatura indígena*, organizado por **Maurício Negro**. *Aldeias, palavras e mundos indígenas*, de **Valéria Macedo**; *Com a noite veio o sono*, de **Lia Minápoty**. *Uma amizade (im)possível: as aventuras de Pedro e Aukê no Brasil colonial*, de **Lília Moritz Schwarcz**. *Contos e lendas da Amazônia*, de **Reginaldo Prandi**.

Ao se apropriarem do legado etnocêntrico da cultura europeia, os intelectuais indígenas passaram a adotar os domínios técnicos da cultura do “branco”, de modo que sua enunciação passou a lhes dar visibilidade política e estética. Nesse sentido, a literatura indígena brasileira contemporânea é uma expressão vinculada ao lugar de fala do sujeito indígena que reivindica, cada vez mais, protagonismo para articular, sem mediações, em nome de suas ancestralidades (DORRICO, 2018).

Daniel Munduruku, atualmente um dos maiores escritores de literatura infantil indígena do país, se tornou, pela escrita, como ele mesmo afirma, um narrador das memórias ancestrais. Os povos indígenas são detentores de um conhecimento ancestral apreendido pelos sons das palavras dos avós: priorizaram a fala, a palavra, a oralidade como instrumento de transmissão da tradição, fazendo as novas gerações exercitarem a memória, guardiã das histórias vividas e criadas (MUNDURUKU, 2018). No entanto, reitera que, se esses povos traziam consigo o conhecimento ancestral, o colonizador passou por cima da sua memória, escrevendo no corpo dos vencidos uma história de dor e sofrimento. Esses se “tornaram sem-terra, sem-teto, sem-história, sem-humanidade e tiveram que aceitar a dura realidade dos sem memória, gente das cidades que precisa guardar nos livros seu medo do esquecimento” (MUNDURUKU, 2018, p. 82).

Na pesquisa, também agrupamos informações referentes à nacionalidade dos autores, dividindo-os em três grupos continentais: América, África e Europa. Dos 125 autores pesquisados, 62 são do sexo feminino e 63 do sexo masculino, estando nesse último grupo sete indígenas brasileiros. Dos 81,5% de autores do continente americano, 96 são do Brasil, três dos Estados Unidos, um da Argentina, um da Colômbia e um de Cuba. Já entre os 12,9% europeus, quatro são da França, três da Bélgica, dois da Alemanha, dois da Irlanda, um do Reino Unido, um da Inglaterra, um de Portugal, um da Espanha e um da Itália. Quanto aos 5,6% dos autores do continente africano, três são da África do Sul, dois de Angola, um da Costa do Marfim e um de Moçambique. Esses dados podem ser resumidos conforme demonstrado na figura 3.

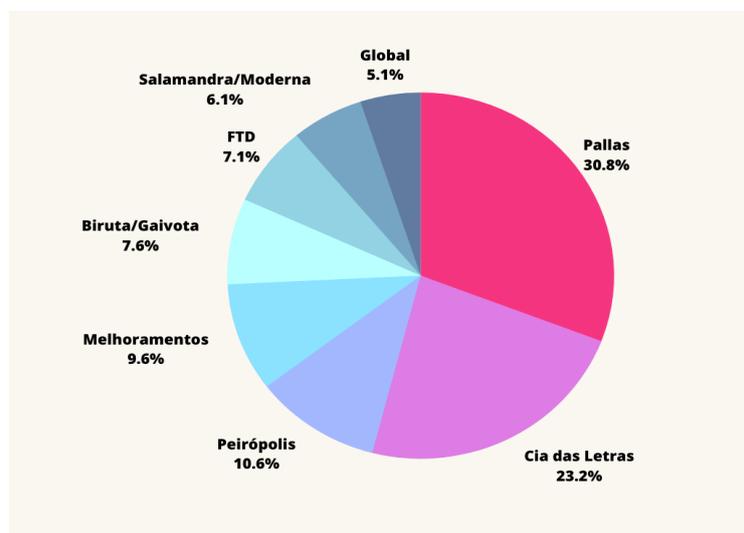
Figura 3: Origem dos autores



Fonte: Gráfico elaborado pelos autores

Em relação ao levantamento das editoras brasileiras que publicaram os livros catalogados na pesquisa, há predominância das sediadas nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. A partir desses dados, consideramos também algumas reedições que, na maioria das vezes, não são das mesmas editoras. Destacamos oito delas que concentram a maior parte das publicações referentes às temáticas deste estudo: Pallas, Companhia das Letras, Peirópolis, Melhoramentos, Biruta/Gaivota, FTD, Salamandra/Moderna e Global. Os dados numéricos podem ser visualizados na figura 4.

Figura 4: Publicações por editora



Fonte: Gráfico elaborado pelos autores

O movimento do mercado editorial brasileiro a partir do século XXI, em relação à literatura infantil, apresentou um fortalecimento desse segmento editorial, consolidando-se num mercado moderno e globalizado.

Sua modernidade supõe distintas instâncias: editoras, distribuidoras, livrarias convencionais e on-line onde atuam e interagem profissionais com funções diferenciadas, entre os quais se contam escritores, capistas, ilustradores, editores de texto, revisores etc. (LAJOLO, ZILBERMAN, 2017, p. 62).

Toda essa rede de produção só existe, claro, em função do leitor, consumidor da mercadoria por eles fabricada e esse conjunto de profissionais forma a denominada cadeia do livro, que tende a retirar a produção do livro da esfera de um único indivíduo. Lajolo e Zilberman (2017, p. 62) ainda destacam que perceber a importância da cadeia do livro enfraquece a concepção de literatura, durante um bom tempo circunscrita e chancelada pelos estudos literários na centralidade da “figura do autor, nos recursos textuais por ele agenciados e nos sentidos por ele (presumidamente) pretendidos”:

Sabe-se hoje que o autor não está sozinho em cena, pois presencia-se o que parece ser um irreversível movimento de profissionalização por parte dos participantes da cadeia do livro. O novo cenário afeta desde os artistas (escritores e ilustradores) até os envolvidos com a circulação do produto final, como agentes literários, divulgadores e gestores culturais responsáveis por políticas de difusão da leitura (professores, bibliotecários, contadores de histórias, críticos literários), cujo papel de mediadores é destacado na maioria dos discursos e projetos voltados para livros e formação de leitores (LAJOLO, ZILBERMAN, 2017, p. 62).

Além dos profissionais do livro, é preciso considerar outras personagens nem sempre evidentes no sistema literário, mas que também interferem no produto final, ou seja, um parecerista, um coordenador de uma coleção ou série, ou um supervisor pedagógico. Todo esse conjunto de pessoas envolvidas na produção do livro parece, a princípio, ser uma unidade homogênea no mundo do consumo, entretanto acaba subdividindo-o, especialmente o infantil, em nichos literários, uma vez que esse mercado é segmentado em subgrupos para os quais a produção é direcionada (LAJOLO, ZILBERMAN, 2017). Para Colomer *et. al.* (2024, p. 66), tais avanços do mercado editorial no novo milênio se justificam pelas facilidades de produção derivadas dos avanços técnicos, bem como pela expressiva libertação que provocaram em grande parte dos autores, por conseguinte, ilustradores e editoras infantis multiplicaram exponencialmente o uso estético que atualmente é feito de tudo o que molda o livro.

Tais considerações corroboram com as reflexões de Chartier (2020) ao defender que a materialidade do livro é inseparável da singularidade do autor. Para este intelectual do livro e da história das práticas de leitura, o livro continua sendo duplamente um objeto material e uma obra intelectual ou estética identificada pelo nome do seu autor, fundada sobre distinções visíveis entre seus suportes, mesmo que a ordem dos discursos tenha mudado profundamente com o advento da textualidade eletrônica.

Outro fato que precisa ser destacado em relação às publicações analisadas é a autoedição (ou edição de autor), ou seja, a decisão de um autor publicar uma obra, assumindo as responsabilidades inerentes à produção e circulação: financiar, produzir, comercializar e vender o seu próprio livro.

Chartier (2020) aponta algumas mudanças inéditas que explicam o sucesso da autoedição no mundo inteiro. Segundo ele, apesar da preponderância dos impressos em autopublicação, deve-se enfatizar que a entrada no mundo digital transformou profundamente o mercado editorial e particularmente a autopublicação. Primeiro porque a nova técnica de composição e circulação dos textos fornece aos autores possibilidades anteriormente desconhecidas que ficavam restritas à aprovação de uma editora renomada. A edição á compte d’auteur possibilita o controle do tempo da escrita e da publicação decidido pelo autor e não pela editora, além da esperança de uma renda superior aos direitos autorais indicados nos contratos. Uma segunda mutação está no deslocamento das instâncias de valorização dos textos e de consagração dos autores, uma vez que as avaliações dos *booktubers* substituem as formas clássicas da crítica (por exemplo, as resenhas nos periódicos) ou o prestígio das editoras. A terceira mudança apontada pelo autor está na comunicação digital que permite uma nova relação entre os autores e seus leitores graças às páginas web, os blogs ou as redes sociais (CHARTIER, 2020).

Por fim, a autoedição digital também pode criar novas formas discursivas, com outras alternativas de criação, como mostram Lalojo e Zilberman (2017) sobre as mudanças promovidas pelo cenário digital das publicações de livros de literatura infantil e juvenil. Elas não se limitam à introdução, nos livros, dos gêneros próprios das redes sociais (e-mails, blogs, links), mas criam “hibridismo de linguagens” ou “amalgamas de linguagens”. Para Rojo e Moura (2012), esses novos gêneros, de caráter multimodal ou multissemiótico, são denominados de multiletramentos, o que compreende uma multiculturalidade característica das sociedades globalizadas e uma multimodalidade de textos por meio dos quais a sociedade se informa e se comunica. Essas multimodalidades foram percebidas em nosso estudo, por exemplo, em edições bilíngues de diferentes grupos étnicos, como indígenas e africanos, fazendo as editoras uso dos hibridismos de linguagens para divulgar produções até então inacessíveis para o público geral.

Como destaca Chartier (2020), embora as plataformas de autoedição parecessem sugerir o desaparecimento do papel do editor, provocando um aumento explosivo de publicações do gênero literário infantil, elas não conseguiram anular a cadeia de tarefas que são características da produção tradicional e que compreendem a diagramação do livro, o desenho da capa, os aspectos legais, a distribuição, a comercialização, a promoção. As editoras renomadas continuam sendo um selo de qualidade para as publicações, garantindo uma distinção às obras, com nível mais elevado de revisão e seleção dos conteúdos, além de promover maior divulgação e circulação dos livros.

## Considerações Finais

Boaventura de Sousa Santos (2022, p. 75), em sua recente obra *Abrindo a história do presente*, afirma que a “descolonização da história é uma intervenção intelectual que confronta os diferentes modos de dominação moderna, à medida que estes têm configurado a escrita hegemônica da história moderna”. Portanto, para descolonizar a história, é preciso desafiar os diferentes modos de dominação da modernidade que moldaram a escrita da história, pois “descolonizar a história implica identificar a dominação da história na história da dominação” (SANTOS, 2022, p. 76). Para esse intelectual das Epistemologias do Sul (SANTOS, MENESES, 2010) e do pensamento Decolonial (SANTOS, 2022), o drama do universo cultural do colonizador, que se considera historicamente o vencedor da narrativa histórica, é não querer aprender nada dos universos culturais que se acostumou a derrotar e a ensinar.

O universo cultural ocidental eurocêntrico vem de uma longa trajetória de conquistas e vitórias históricas que parece ter chegado ao fim. A Europa passou cinco séculos a dominar e a ensinar o mundo não europeu, e acha-se hoje cada vez mais na situação de já não ser capaz de dominar e de não ter nada a ensinar (SANTOS, 2022, p. 105-106).

A produção literária infantil catalogada nesta pesquisa revela um leque de possibilidades temáticas para ampliar os repertórios literários, culturais, artísticos e estéticos de professores e alunos para rompermos definitivamente com a imposição de apenas uma matriz de pensamento, que sempre dominou, mas que já não tem muito a ensinar para povos e culturas que, há séculos, sofreram e ainda sofrem com a dominação e a colonização de pensamento. Falar da importância dessa literatura na escola implica pensar o espaço escolar como privilegiado e, talvez, o único onde crianças terão acesso a textos literários de qualidade e outros repertórios e narrativas de diferentes matrizes epistemológicas.

Novos temas que colocam em evidência culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas vêm provocando educadores e a sociedade a repensar os silêncios e os esquecimentos, oferecendo-se como um acervo didático interdisciplinar, de extraordinário valor estético para mobilizar educadores na direção dos desafios impostos para a descolonização do currículo e das práticas pedagógicas no cotidiano escolar.

Essa literatura está pautada por atitudes de valorização de culturas que sempre estiveram relegadas à margem da história. Ela não somente resgata a autoestima e imagem desses povos, mas promove o direito à memória, desfazendo injustiças seculares, portanto não se trata de mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz europeia por um africano e indígena, mas de ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira.

Ao problematizar a questão da decolonialidade como um pensamento pedagógico emancipatório, Nilma Lino Gomes (2020, p. 232) afirma que “a colonialidade se enraíza nos currículos quando disponibilizamos aos discentes leituras coloniais do mundo”, provocando-nos a repensar a colonialidade na literatura: “teremos sempre que nos reportar aos mesmos autores e aos mesmos clássicos para interpretar e compreender a nossa realidade? (...) Como seria a nossa interpretação do mundo atual e dos fatos já acontecidos se retomarmos essas obras, hoje, numa postura decolonial?” (GOMES, 2020, p. 232).

Sem desconsiderar a dimensão estética do livro, a pesquisadora reforça que a produção literária é feita em um contexto, por sujeitos reais que pensam a vida e a sociedade em que estavam ou estão imersos (GOMES, 2020). Concluindo suas reflexões a respeito da literatura, chega à seguinte constatação:

Ela é produto de uma época. Mas muitos dos grandes e importantes textos literários, ao serem lidos atualmente, mostram-se eivados de preconceitos estruturais, que se mantiveram arraigados na sociedade no decorrer dos séculos e das épocas e ainda hoje se expressam, uma vez que foram e são construídos nas tensas relações de poder e na História. Sabemos que o texto literário atua na construção de subjetividades. Como não dizer que é preciso também descolonizar a literatura ou pelo menos o que alguns intérpretes da literatura fizeram dela? (GOMES, 2020, p. 232).

Quando refletimos sobre essa literatura que chega às escolas e que, na maioria das vezes, é o único caminho para que crianças e jovens tenham acesso ao texto literário, levamos em conta a grande influência que a educação exerce sobre as diferentes subjetividades. A escola, marcada pela multiplicidade étnico-cultural, tem na educação um desafio como prática e teoria, tornando cada vez mais urgente a constituição de uma ordem social baseada na igualdade e no respeito às diferenças para o enfrentamento do preconceito racial e epistêmico vigente na sociedade. Vinte anos após a promulgação da Lei nº 10.639/2003, o tema continua a oferecer muita polêmica no espaço escolar e a lei permanece distante de ser plenamente aplicada, apesar dos avanços conquistados.

## Referências

ANTONACCI, Maria Antonieta. *Memórias ancoradas em corpos negros*. São Paulo: EDUC, 2014.

ANTONACCI, Maria Antonieta. Artes da Memória de povos em diáspora: História e Pedagogia em “condições de enunciação”. *Fronteiras: Revista de História*, Dourados, MS, n. 18, n. 31, pp. 244-256, jan.-jun. 2016.

ARROYO, Leonardo. *Literatura Infantil Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003.

BRASIL. *Lei nº 11.645, de 10 março de 2008*. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. *Diário Oficial da União*, Brasília, 11 mar. 2008.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1ª a 4ª séries). Brasília: MEC/SEF, 10 volumes, 1997.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Parâmetros Curriculares Nacionais* (5ª a 8ª séries). Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília, out. 2004.

CADEMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CADEMARTORI, Lígia. *O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2024.

CANDAU, Vera Maria Fernandes; OLIVEIRA, Luiz Fernandes. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, v. 26, n. 01, p. 15-40 | abr. 2010.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *A Literatura Infantil: visão histórica e crítica*. São Paulo: Global, 1987.

CHARTIER, Roger. Ler a leitura. In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo; FRADE, Isabel Cristina A. da Silva (Orgs.) *História do ensino de leitura e escrita: métodos e materiais didáticos*. São Paulo: Editora Unesp; Marília: Oficina Universitária, 2014.

CHARTIER, Roger. *Um mundo sem livros e sem livrarias?* São Paulo: Letraviva, 2020.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo*. São Paulo: Ática, 1991.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, Teresa; MANRESA, Mireia; PRIETO, Lucas Ramada; LÓPEZ, Lara, Reyes. *Narrativas literárias na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental*. São Paulo: Global Editora, 2024.

DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, pp. 87-110.

DEBUS, Eliane Santana Dias. *A Literatura Infantil Contemporânea e a Temática Étnico-Racial: Mapeando a Produção*. Anais do 16º. Congresso de Leitura do Brasil, Campinas, Unicamp, jul. 2007, p. 01-10 Disponível em: [http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes\\_anteriores/anais16/sem08pdf/sm08ss12\\_06.pdf](http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais16/sem08pdf/sm08ss12_06.pdf). Acesso em 14/09/21.

DEBUS, Eliane Santana Dias. *A temática étnico-racial nos livros infantis da Pallas Editora*. Anais do Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil: Fórum Latino-americano de Pesquisadores de Leitura. Porto Alegre: PUC-RS, 2010.

DORRICO, Julie et al. (Orgs.) *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

FRANÇA, Luiz Fernando de. *Personagens negras na literatura infantil brasileira: da manutenção à desconstrução do estereótipo*. 2006. 301f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem). Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá.

GARZÓN, María Teresa. “Alguien a Quien Amar”: Representaciones de Infancia y Blanquitud en dos Obras Literarias. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, 7 (1), 199-219, jan./mar. 2021.

- GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem Fronteiras*, v.12, n.1, pp. 98-109, jan./abr. 2012.
- GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón (Orgs.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Modernidades negras: A formação racial brasileira (1930-1970)*. São Paulo: Editora 34, 2021.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2013.
- IANNI, Octavio. Literatura e consciência. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. Edição Comemorativa do Centenário da Abolição da Escravatura, nº. 28. São Paulo: USP, 1988.
- JESUS, Sonia Regina Rosa de Oliveira Dias de. *A literatura infantil afro-brasileira como letramento racial e fortalecimento das identidades negras: uma narrativa autobiográfica*. 2019. 122 fl. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais). Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ: Rio de Janeiro.
- KNOP, Rita Maria. *Antes, era uma vez, hoje, essa é a sua vez: uma abordagem comparativa da representação social do negro na literatura para crianças*. 2010. 93 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos*. São Paulo: Global, 1986.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira. Uma nova outra história*. Curitiba: PUCPress e FTD, 2017.
- LIMA, Heloísa Pires. Personagens negros: Um breve perfil na literatura infanto-juvenil. In: MUNANGA, Kabengele (org.). *Superando o racismo na escola*. [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- MUNANGA, Kabengele. *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECADI), 2005.
- MUNDURUKU, Daniel. Escrita indígena: registro, oralidade e literatura: o reencontro da memória. In: DORRICO, Julie et al. (Orgs.) *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.
- OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. *Negros Personagens nas Narrativas Literárias Infanto-Juvenis Brasileiras: 1979-1989*. 2003. Dissertação (Mestrado) Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador.
- OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. *Personagens negros na literatura infanto-juvenil no Brasil e em Moçambique (2000-2007): entrelaçando vozes tecendo negritudes*. 2010. 301f. Tese (Doutorado em Letras) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Arte, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. *Áfricas e diásporas na literatura infanto-juvenil no Brasil e em Moçambique*. Salvador: Editora da Universidade do Estado da Bahia, 2014.
- ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- ROSEMBERG, Fúlvia. Discriminações étnico-raciais na literatura infantojuvenil brasileira. *Linha D'Água*, (2), 21-39, 1981.
- ROSEMBERG, Fúlvia. *Literatura Infantil e Ideologia*. São Paulo: Global, 1985.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2022.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Descolonizar: abrindo a história do presente*. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Boitempo, 2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário. Cor e raça na sociedade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SILVA, Ana Célia da. *As transformações e os determinantes da representação social do negro no livro didático*. 2001. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Estudos Afro-Brasileiros: africanidades. In: ABRAMOWICZ, Anete; GOMES, Nilma Lino (Orgs.). *Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOARES, Magda Becker. A escolarização da leitura literária e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Orgs.) *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica. 1999.

SOUSA, Andréia Lisboa. Personagens negros na literatura infantil e juvenil. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Summus, 2001.

WALSH, Catherine. *Pedagogías decoloniales. Prácticas insurgentes de resisitir, (re)existir y (re)vivir*. Tomo I. Serie Pensamiento Decolonial. Quito: Abya Yala, 2013.

Recebido em: 04/03/2024

Aceito em: 31/10/2024